

## **Acerca da abordagem centrada na pessoa aplicada às *master classes* de piano em um curso superior de práticas interpretativas**

Josélia Ramalho Vieira

Universidade Federal da Paraíba  
joselia@cchla.ufpb.br

### **Abstract**

This communication deals with the application of the person-centered approach (PCA) in a performance practices upper-level course, which is a non-directive pedagogical action developed by Carl Rogers. The background of reflections is the degree course in performance practices (piano), Federal University of Paraíba. Applying the theoretical underpinnings of PCA to the performance pedagogy we may guide the actions related to the teacher, repertoire, and to the group interactions, as well as rethink the traditional model of master classes in the light of such pedagogical current.

Palavras-chave: Pedagogia do piano – *master class* – abordagem centrada na pessoa

### **O contexto**

O curso de licenciatura em música da Universidade Federal da Paraíba foi criado em 2005 para “atender uma demanda profissional até então concentrada no curso de Educação Artística – Habilitação em Música.” (UFPB 2005: 4). Assim, o curso está estruturado em duas habilitações específicas (Educação Musical e Instrumento/Canto): a primeira centrada na formação de professores de música para atuação nos contextos mais amplos da área, enquanto a outra tem como foco a formação do professor de instrumento ou de canto.

Passados quatro anos da implantação do curso, houve a necessidade de reformular o seu Projeto Político Pedagógico para a sua adequação às necessidades atuais da área de Educação Musical no país, e, ao mesmo tempo, pela realidade de um trabalho conjunto do Departamento de Educação Musical e Departamento de Música no oferecimento de disciplinas para o curso (UFPB 2009: 5).

Entrou em vigor, já em 2009, um novo Projeto Político Pedagógico (PPP) criando o curso de licenciatura em Práticas Interpretativas com subáreas específicas de cada instrumento. Nos dois cursos, as disciplinas relacionadas com ensino do instrumento são ministradas tanto individualmente quanto coletivamente. A disciplina “Classe de Piano”, onde efetivamente acontecem as *master classes*<sup>1</sup>, recebe tanto licenciandos em educação musical (habilitação piano) quanto em práticas interpretativas.

O curso de Licenciatura pretende de seu egresso o seguinte perfil:

O egresso do Curso de Licenciatura em Música da UFPB será essencialmente um professor de música, estando apto a atuar em escolas de educação básica, escolas especializadas da área, atividades de ensino não-formal e demais contextos de ensino e aprendizagem da música. Esse profissional será dotado de formação intelectual e cultural, crítica e competente em sua área de atuação, com capacidade criativa, reflexiva e transformadora, nas ações culturais e musicais inerentes ao seu mercado de trabalho e ao mundo contemporâneo. Além da docência, o licenciado em música poderá exercer atividades como músico, pesquisador, agente-cultural e outras especificidades do campo da música. (UFPB 2009:12)

Cada aluno, no entanto, tenta adequar o curso ao seu próprio perfil, assim nos deparamos com os que desejam ser pianistas (perfil mais compatível com o curso de bacharelado), os que querem atuar no ensino do instrumento, mas não ingressaram no curso com bagagem prática/teórica suficiente, os que já atuam no ensino de instrumento sem a formação necessária e têm dificuldade em refletir/mudar sua prática e os que querem atuar como educadores, tendo como aliado tanto o piano como o acordeon (instrumento muito popular na região, mas que não dispõe de um curso de formação superior).

Ao tentar fugir do ensino de instrumento nos moldes “tradicionais” procuramos equilibrar o novo modo de pensar e agir das transformações ocorridas no último século acerca dos processos, métodos, conceitos e abordagens no ensino de música ao ensino de instrumento. Fugindo do fazer musical sem reflexões, que apenas obedece ao mestre, tentamos construir uma nova relação professor-aluno, respeitando principalmente as diferenças na construção do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Tipo de aula (*class*) onde as orientações dadas ao aluno (*performer*) pelo professor (*master*) são assistidas por outros alunos da mesma área, porém não necessariamente do mesmo nível.

### **Fundamentação teórica**

Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é a denominação adotada por Carl Rogers<sup>2</sup> para descrever sua própria atuação como psicoterapeuta, em substituição a expressões anteriores como terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno e liderança centrada no grupo (Almeida *apud* Duek 2007: 13).

Algumas características deste enfoque humanista são: confiança no impulso do indivíduo, ênfase nos aspectos afetivos, privilégio da situação imediata (o importante é o aqui e o agora), criação de um espaço para o crescimento do outro.

Na educação, esta corrente de ensino humanista propõe a ênfase na aprendizagem, a adaptação do currículo do curso ao aluno e a participação ativa deste em todo o processo de ensino-aprendizagem. Sendo o professor a peça fundamental que ao trazer o afetivo para a educação, acredita, ama, incentiva, compreende e conduz – de maneira real e global – o aluno a uma aprendizagem significativa. Em seu livro *Liberdade para aprender* o autor descreve uma pessoa em pleno funcionamento e depois alerta para o fato de que esta pessoa não existe, o que existe é a pessoa imperfeita a encaminhar-se para este objetivo. (Rogers 1973: 273)

Para Rogers “todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento” (1961: 253). Esta tendência foi denominada de Tendência Atualizante e é considerada pela ACP, tanto a sua base como a única força motivacional humana sob a qual todas as outras formas de motivações são subordinadas. Estando o indivíduo motivado poderá ocorrer a aprendizagem significativa que o psicólogo define como:

Uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca modificações, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra todas as parcelas da sua existência. (Rogers 1961: 253)

---

<sup>2</sup> Carl Ransom Rogers (1902-1987). Psicólogo norte-americano considerado o precursor da psicologia humanista e criador da linha teórica conhecida com Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

A terapia humanista rogeriana pretende conduzir o indivíduo a “tornar-se verdadeiramente um organismo humano, com todas as riquezas que isto implica” (Rogers *Op. Cit.*: 72). Dentro das diretrizes da ACP necessitamos, ao interagir com o aluno, de três atitudes fundamentais que facilitarão para criar o ambiente para a aprendizagem significativa: a congruência, a aceitação e a empatia.

O que seria estar congruente? Segundo o pensamento rogeriano é não fingir que se sabe todas as respostas, quando não se sabe; que não se está irritado, quando se está; que está se sentindo bem, quando se está doente; agir com calma quando se está irritado e disposto a criticar. (*Op. Cit.*: 28). O professor autêntico desperta no aluno a atitude de também o ser. Ser congruente deve significar, também, consciência do nosso lugar como professor-facilitador no processo de aprendizagem.

A aceitação ou consideração positiva incondicional do professor em relação ao aluno consiste numa postura de aceitação irrestrita e de respeito à pessoa do aluno, no sentido de acolher a sua alteridade, respeitando-o em sua singularidade, pois digno de confiança.

Ser empático é a habilidade de se conectar ao outro, sentir-se no seu lugar, entender o mundo do aluno.

Quando o professor tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então, cresce a possibilidade de aprendizagem significativa (Rogers 1973: 112).

### **Alguns questionamentos**

No âmbito da música costumamos acreditar que a educação só será completa levando em conta a educação musical. Tornaremos o homem mais humano com o ensino da música e os inúmeros caminhos que ela nos leva? Levamos em conta a individualidade dos nossos alunos? Somos educadores na concepção mais plena da palavra?

Nós como professores-facilitadores, podemos ajudar as pessoas a se realizarem plenamente também na música? Enfatizamos o processo ao invés do produto?

Até que ponto nós podemos ser coerentes em uma aula coletiva de instrumento quando cada pessoa, incluindo o professor, está buscando/trilhando caminhos tão diversos através das mesmas notas?

Conhecemos os reais objetivos/possibilidades dos nossos alunos? Permitimos flexibilidade do programa? Admitimos a existência dos pianos digitais, *softwares*, internet como algo comum na vida deles?

Valorizamos a vivência pessoal, a cultura que cada um traz consigo? Aceitamos nossos alunos como eles são ao invés de querer “formatá-los” ao modelo que temos em mente? Desprezamos suas atividades profissionais, que não esteja ligada ao piano e a música de concerto? Como aceitá-lo como ele é e conduzi-lo ao que pode ser?

Temos a capacidade de ouvir? Em que momento se ouve realmente o aluno? Não só o que ele nos traz em forma de música, mas os seus anseios e expectativas?

Não temos respostas para estas questões, contudo objetivando interagir, aprender, observar criticamente e permitir uma aprendizagem significativa na nossa disciplina, nos orientamos tomando por base estas atitudes fundamentais da ACP.

### **Aplicando a ACP**

Schön (*apud* Ducatti 2008: 139) ao analisar uma *master class* definiu-a como uma tripla tarefa de instrução. Enquanto “lida com problemas substantivos da execução” tendo que dominar amplos conhecimentos (históricos, técnicos, acústico) o professor “adapta seus conhecimentos e decide ‘o que’, ‘como’ e ‘quando’ falar ao aluno ao ministrar instruções” e ainda, necessita realizar estas tarefas “levando em consideração as questões de relacionamento pessoal entre ele e o aluno”. Porém sabemos que a instrução envolve outras questões.

Palavras e termos fora do vocabulário do professor de piano cem anos atrás – *holístico*, *síndrome do tunel do carpo*, *biofeedback*, *beta-bloqueadores*, *memória de curta duração*, *tendinites*, *burnout*, apenas para citar alguns – são comumente utilizados (Uzsler 2000: xiv)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Words and terms not in the piano teacher’s vocabulary one hundreds years ago *holistic*, *carpal tunel syndrome*, *biofeedback*, *beta-blockers*, *short-term memory*, *tendinitis*, *burnout*, to name just a few – are now in common usage.

Segundo Hallam (*apud* Ducatti 2008: 134), 30% da aula de instrumento é tomada pela fala do professor, este percentual pode chegar a 50%. O professor de instrumento também utiliza, segundo a mesma pesquisadora, parte do tempo exemplificando em seus próprios instrumentos. Não queremos dizer que servir de modelo para o aluno seja ruim, faz parte do ensino do instrumento, porém estamos discutindo a inclusão na aula da voz do aluno. Neste sentido, notamos que grande parte das nossas aulas era tomada com discussões acerca de temas ligados à educação musical e como estes se relacionavam com o ensino/aprendizagem do piano.

Tendo em mente que os alunos da licenciatura estão sendo formados para serem tanto educadores musicais como professores de instrumento, sentimos a necessidade de trazer para a Classe de Piano as discussões sobre algumas destas questões, refletindo prática e teoricamente sobre as mudanças ocorridas na pedagogia do instrumento no último século.

Em nossa revisão da literatura encontramos os trabalhos de Ducatti (*op. cit*) que refletem sobre o papel, o comportamento e a transmissão musical do professor no ensino de instrumento fazendo uma vasta revisão de literatura enquanto aponta a necessidade de mais pesquisas sobre Ensino de Instrumento.

Especificamente abordando ensino de música e ACP, Glaser e Fonterrada (2006) tecem considerações a respeito da aplicação dos conceitos rogerianos ao ensino do piano erudito e exemplificam uma proposta de programa flexível centrado no aluno.

Hallam (*apud* Ducatti 2008) defende que o modelo de ensino centrado no aluno é o que melhora consideravelmente a relação professor-aluno levando a um progresso maior nos estudos. Sendo o professor o facilitador da aprendizagem. Partindo do conceito rogeriano de que a criatividade parece ser uma tendência inata que o ser humano tem para realizar seus anseios e que esta manifestação criativa só se manifesta em um ambiente facilitador, Glaser (2009) trabalhou a aplicação destes pressupostos teóricos embasando as atividades dos alunos em um projeto de recital, um workshop e a uma auto-avaliação.

### **Master class - um projeto construído por todos**

Ouvindo e identificando os anseios dos licenciandos e à luz da ACP, propomos a mudança da metodologia da disciplina em dois aspectos básicos.

1. Programa flexível;
2. Proposta de pequenos projetos de interesse dos alunos que pudessem contribuir:
  - a) com suas *performances*;
  - b) com sua formação para o ensino de piano.

Os temas dos projetos foram selecionados em conjunto e a preparação da *performance* se deu através do viés do tema estudado passando a serem as aulas, deste modo, práticas e teóricas.

Escolhemos o Laboratório de Ensino Coletivo de Teclado/Piano – LECT, equipado com um piano acústico, cinco digitais, computador, caixas de som e internet, como espaço facilitador da interação e estimulante à utilização da tecnologia a favor da educação. Com este espaço à disposição pudemos romper com o tipo de aula 100% prática e dirigida a um aluno por vez, permitindo que algumas peças pudessem ser tocadas por todos (um em cada piano). Todos os alunos puderam contribuir com sugestão de repertório, de interpretações, de temas transversais.

Os seguintes projetos foram levados a cabo ao longo de quatro semestres.

A técnica do piano: estudo da histórica da técnica, desde a comumente utilizada nos antigos instrumentos de teclado até a evolução da técnica do piano pelo próprio desenvolvimento do instrumento. Reflexão sobre sua própria técnica e do papel desta na construção do intérprete e na pedagogia do piano.

Produção de arranjos para piano em grupo: inspirados nas possibilidades musicais do LECT e interagindo com os alunos da disciplina Piano Complementar, os licenciandos foram incentivados a criar arranjos.

Ao mesmo tempo em que os licenciandos aplicaram seus arranjos em alunos da disciplina piano complementar I como professores, na aula em grupo, onde discutimos e “testamos” estes arranjos, eles eram alunos. Pudemos refletir sobre atitudes pedagógicas efetivas em sala de aula para piano em grupo, como disposição dos teclados, utilização de timbres, equilíbrio sonoro e regência (Vieira 2009: 300).

Este projeto revelou quão frágil era a noção dos alunos sobre a pedagogia do instrumento. Quais habilidades técnicas ensinar primeiro, qual abordagem de leitura, quais materiais utilizar? Estas dúvidas nos conduziram a um novo projeto.

Os métodos de iniciação ao piano: pesquisa e análise de alguns métodos de iniciação ao piano, notadamente os menos conhecidos pelos alunos. Procuramos seguir o tipo de análise proposto por Uzslar (2000: 20) desvendando as abordagens no que dizem respeito à leitura, técnica, musicalidade e repertório. Os métodos analisados foram: *Piano Básico de Bastien* (Bastien: 1997), *Piano Adventures* vol 1 e 2A (Faber: 1998) e o *Alfred's Basic Adult Piano Course. Level 1*. (Lancaster, 1999).

O Intérprete – tomamos por base os trabalhos de Laboissière (2007) e Lima (2008) para repensar o papel do intérprete, sua importância e como utilizar da análise como ferramenta para fundamentar interpretações.

O corpo – o projeto objetivou proporcionar uma compreensão ampla dos aspectos teóricos que dizem respeito ao corpo e a *performance* musical, desenvolvendo a pesquisa sobre artigos, livros e/ou gravações que embasem teoricamente a prática interpretativa. Abordamos a eutonia aplicada à música (Gainza 2003), a percepção dos professores de instrumentos em relação ao corpo (Pederiva 2005) e a ação pianística em relação à coordenação motora (Povoas 2008).

## **Conclusão**

Pudemos notar que o grau de interações entre os alunos aumentou com esta abordagem, a confiança de ser ouvido e compreendido nas suas aspirações/limitações diminuiu o estresse comum nas *performances* de uma *master class*. Os alunos testaram técnicas diversas para resoluções de problemas nas construções das *performances*.

As interpretações tornaram-se, em geral, mais consistentes, mais pessoais. A reflexão sobre a pedagogia incentivou alguns alunos a mudar seus protocolos de estudo, por exemplo, utilizando a análise (de partituras, de auto filmagem, de gravações) como uma ferramenta útil, fugindo da velha estratégia erro-acerto. A oficina de produção de arranjos permitiu: (a) refletir sobre as



habilidades dos diferentes níveis da aprendizagem pianística; (b) utilizar *softwares* de edição de partituras; (c) explorar os recursos dos pianos digitais; (d) interagir com outras disciplinas.

As bases humanistas da teoria rogeriana foram nossa inspiração nos caminhos da disciplina Classe de Piano, através das *master class*, em busca de um eficiente desenvolvimento do ensino/aprendizagem da *performance*, equacionando os objetivos, os anseios, as dúvidas pessoais dentro de uma dinâmica coletiva. Esperamos que ao sermos educadores “abertos e flexíveis, envolvidos no processo de mudança,” como propõe Rogers (1973: 280), possamos refletir criticamente sobre as nossas práticas de ensino do instrumento de modo que delas surjam pesquisas que possam, talvez, corroborar com a área.

### **Referências bibliográficas**

Adler, Dilercy Aragão e Coppe, Antônio Ângelo Favaro (orgs.) (2003) “Carl Rogers: Principais Constructos Teóricos e a Realidade Social, Contrapontos Necessários” in *Carl Rogers no Maranhão: Ensaio Centrados*. São Luís: Estação Produções.

Bastien, James e Janes Smisor Bastien (1985) *Piano Básico de Bastien*. Anna Demathei (trad.) San Diego: Neil A. Kjos.

Ducatti, Regina Harder (2008) “Algumas Considerações a Respeito do Ensino de Instrumento: Trajetória e Realidade.” *Opus*, 14 (1): 127-142.

Duek, Vivianne Preichardt (2007) “Relação Professor-Aluno: a Propósito do Outro Diferente.” In 30º Reunião Anual da ANPED: *Anais*.

<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT20-3160--Int.pdf>. [Acesso 01/11/2010].

Faber, Randall e Nancy Faber (1998) *Piano Adventures vol 1 e 2A*. North Miami Beach: FJH Music.

Gainza, Violeta e Susana Kesselman (2003) *Musica y Eutonia: El Cuerpo en Estado de Arte*. Buenos Aires: Lúmen.

Glaser, Scheilla e Fonterrada, Marisa (2006) “Ensaio a Respeito do Ensino Centrado no Aluno: Uma Possibilidade de Aplicação no Ensino do Piano” in *Revista da ABEM*, 15: 91-99.

\_\_\_\_\_ (2007) “Músico-Professor: Uma Questão Complexa.” in *Música Hodie*, 7(1): 27-49.

\_\_\_\_\_ “Criatividade na Aula de Piano: Múltiplas Facetas.” [http://www.ia.unesp.br/@rquivo@/pdf/Scheilla\\_Criatividade-na-aula-de-piano\\_MUSICA.pdf](http://www.ia.unesp.br/@rquivo@/pdf/Scheilla_Criatividade-na-aula-de-piano_MUSICA.pdf). [Acesso 15/08/2009].

Kebach, Patrícia Fernanda Carmem (2008) *Musicalização Coletiva de Adultos: o Processo de Cooperação nas Produções Musicais em Grupo*. 301 f. Tese (doutorado em educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Laboissière, Marília (2007) *Interpretação Musical: a Dimensão Recriadora da “Comunicação” Poética*. São Paulo: Annablume.

Lancaster, Williard, Morton Manus e Amanda Vick Lethco (1983) *Alfred's Basic Adult Piano Course. Level 1*. Van Nuys, CA: Alfred.

Lima, Sônia Albano (2005) *Uma Metodologia de Interpretação Musical*. São Paulo: Musa Editora.

Pederiva, Patrícia Lima Martins (2005) *O Corpo No Processo Ensino-Aprendizagem de Instrumentos Musicais: Percepção de Professores*. Dissertação (mestrado em educação). Brasília: Universidade Católica de Brasília. (91-121).

Povoas, Maria Bernardete Castelan e Arele Vachtchuk Almeida (2008) "Ação Pianística e Coordenação Motora – Aspectos Inerentes à Atividade Músico-Instrumental com Vistas à Otimização da Técnica com Foco no Conteúdo Musical". In *Revista da Pesquisa* 3 (1). Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume3/numero1/musica/prof\\_bernardete.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/musica/prof_bernardete.pdf) [Acesso 16/04/2009]

Rogers, Carl Rogers (1961) *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ (1973) *Liberdade para Aprender*. Belo Horizonte: Interlivros.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (2003) Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Resolução n. 35/2005*.

\_\_\_\_\_ (2009) Conselho Superior, Pesquisa e Extensão. *Resolução 34/2009*.

Uzsler, Marienne, Stewart Gordon and Scott Smith (2000) *The Well-Tempered Keyboard Teacher*. 2ª ed. Nova Iorque: Schirmer.

Vieira, Josélia Ramalho (2009) "Arranjos de Piano em Grupo por Licenciandos em Música da UFPB: Relato de Experiência." In XVIII Encontro da ABEM: *Anais*. (293-302)

#### **Notas biográficas**

Mestre em Música (piano) pela Universidade Federal da Paraíba. Professora assistente (piano) do Depto. de Ed. Musical (UFPB). Coordena o Laboratório de Ensino Coletivo de Teclado/Piano – LECT atuando tanto na graduação quanto na extensão. Desde 2006 pesquisa a vida e obra do compositor brasileiro José Siqueira. Em 2010 produziu o CD – José Siqueira Música de Câmara – com duos do compositor patrocinado pelo Fundo Municipal de Cultura de João Pessoa.